

CAMPANHA E ESCLARECIMENTO

por Mário Soares

A campanha eleitoral para as legislativas - que está no começo - tem tido debates esclarecedores, que vão clarificando os eleitores, mais do que inicialmente pensava. Apesar das artimanhas e dos fait-divers. Por mais que os partidos pequenos - como é natural e legítimo - recusem o chamado voto útil e procurem afirmar-se combatendo, em especial, o actual partido do Governo, a verdade é que o eleitorado está a perceber que as alternativas do governo são, com a maior probabilidade, só duas: o PS ou o PSD.

O resto, pode entender-se como voto de protesto ou um como voto ideológico-partidário. Mas não conta para a opção de fundo sobre o futuro governo, que é a que mais interessa os portugueses: qual o voto mais eficaz e necessário para tirar os portugueses da crise em que estão mergulhados? Esta é a questão. E aí a escolha joga-se, sem contestação possível, entre o PS (Esquerda democrática) e o PSD (Direita ou Centro Direita).

Ora, por mais que os Partidos da Esquerda radical pretendam que não há diferenças entre o PS e o PSD e tudo se confunde no chamado "Centrão dos Interesses" - que existiu e provavelmente ainda existe, à revelia dos Partidos - tornou-se claro que não é assim. Antes de mais pela forma como os dois Partidos reagiram e reagem à crise global: o PS percebeu - e quanto a mim bem - que para a vencer é preciso mudar de paradigma, para usar um termo de agrado de Obama. Ou seja: mais intervenção do Estado, reforço das políticas sociais e ambientais, redução das desigualdades, luta contra a pobreza e o flagelo do desemprego, apoio aos imigrantes, mais dignidade no trabalho, aprofundamento das reformas sociais em áreas decisivas como a saúde, a educação, o trabalho e a segurança social; o PSD pensa - como boa parte dos dirigentes europeus, infelizmente - que é preciso "mudar o menos possível, para que tudo fique na mesma". Nada há que mudar no paradigma neo-liberal: menos e menor Estado, prioridade ao mercado, valor supremo, confiança na sua "mão invisível", nada de intervenção do Estado, mais privatizações, maior empreendedorismo visto que quem gere melhor (parece uma verdade indiscutível, mas não é) são os privados, como se viu com os bancos e as grandes empresas em falência, aceitação do "darwinismo social", ou seja: os mais fortes (leia-se os mais ricos) esmagam, necessariamente, os mais pobres. É a teoria da selecção natural aplicada aos humanos...

Como se vê, há aqui uma diferença abissal, entre os dois Partidos, que o tempo - e a crise - se encarregaram de aprofundar... Os Partidos Radicais não têm razão de meter no mesmo saco os dois Partidos do arco governamental. Além de um erro, que salta à vista de qualquer eleitor isento, é uma atitude oportunista que lhes sairia muito cara, no cenário (pouco provável) de o PSD ganhar e, conseqüentemente, de vir a formar Governo. Seria a confirmação da teoria do "quanto pior, melhor", que tantos estragos causou aos países que a adoptaram... Salvaguarde-se, ao menos, a memória histórica!

Acrescente-se que o Primeiro Ministro e Secretário Geral do PS aprendeu muito com a crise. A vitória de Obama e a luta que está a travar contra os conservadores e reaccionários americanos, também o fizeram reflectir. As pessoas aprendem, quando são inteligentes. Tem sido o caso, como todas as suas intervenções de campanha demonstram. Está mais moderado, mais disposto a ouvir os outros, mais tolerante, mais conhecedor da realidade nacional, mais contido, mais socialista, se assim me posso exprimir. Sem perder nada da sua combatividade, coragem e determinação. Não se trata de oportunismo eleitoral. Trata-se de amadurecimento efectivo e de ter aprendido muito com a experiência tão difícil destes últimos quatro anos. Há que o reconhecer.

Os leitores sabem, que não sou incondicional de ninguém. Nunca fui. Não o sou de Sócrates. Digo-o, em consciência e como observador atento e à distância.

A União Europeia não vai bem. Diria, sem exagero, nada bem. Os líderes europeus são, salvo honrosas excepções, medíocres. O último número do "Courrier International", na versão portuguesa, de Setembro de 2009, insere um artigo, transcrito do Die Spiegel, da autoria de quatro reputados politólogos e jornalistas alemães, que se intitula: "Medíocres... para chegar ao topo", que merece uma leitura atenta.

Não são só os "burocratas", como lhes chamam, nomeados para as presidências das organizações internacionais, que são medíocres. São também - e sobretudo - os que os escolhem, os líderes dos partidos que governam os 27 Estados- membros, que integram a União. Entre esses, há três que avultam, por dirigirem os maiores Estados Europeus, que se julgam uma espécie de directório europeu. O que é inaceitável. Dois dos quais são membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, em flagrante contradição com um dos princípios fundamentais da Comunidade: a igualdade de todos os Estados, independentemente, do seu tamanho, população ou importância política. Os três Estados a que me refiro são a França, o Reino Unido e a Alemanha (o maior e mais poderoso de todos). Não refiro a Itália por ter à frente do Governo, eleito, legitimamente, aliás, Silvio Berlusconi, que não tem credibilidade nem influência na Europa. Refiro-me a Sarkozy, a Gordon Brown e à Senhora Merkel, que pertencem todos ao G8 e ao G20 e de facto - não de jure - se pronunciam e actuam como se pertencessem a um directório europeu. Ora a verdade é que isso não é legítimo. Trata-se de uma subversão institucional.

O Tratado de Lisboa, pendente do referendo da Irlanda, que se deve realizar em 2 de Outubro próximo, é incerto que venha a ser positivo: a última sondagem conhecida dava 46% dos eleitores a dizerem sim. Ora se o não prevalece, com o pouco sentido europeísta que há em certos países da Europa, o impasse institucional prolongar-se-á.

Em tempo de crise, ao contrário do que sucede nos Estados Unidos - e noutros países da cena mundial - a União Europeia continua sem uma estratégia concertada para a superar. Assim, a União Europeia não pode avultar como um dos agentes fundamentais da cena mundial. Se não há um novo impulso da refundação das instituições comunitárias e não surge uma nova geração de dirigentes europeístas, é inevitável que a Europa perderá o comboio dos novos desafios internacionais e entrará necessariamente em decadência. Como europeísta convicto, que sempre fui, custa-me muito constatar esta hipótese tão negra mas não posso deixar de interpretar com realismo e objectividade os factos que estão à vista de todos...

Morreu João Vieira. Uma notícia muito triste e, para mim, inesperada. Não era um amigo próximo dele, embora o conhecesse bem - tínhamos estabelecido entre nós uma fácil corrente de empatia - e o admirasse como pintor e como homem.

Foi um dos pintores contemporâneos que surgiu na década de sessenta ou um pouco antes, depois de ter vivido em Paris e sido influenciado pelas obras de grandes artistas, que expunham em Paris, como Kleine. Tinha uma pintura extremamente original e característica, com a obsessão das letras e dos números. Antes, andou próximo dos surrealistas pertencentes à célebre Tertúlia do Café Gelo. Em Paris, foi companheiro de pintores como René Bertholo e José Escada. Era um excelente conversador e não sendo uma personalidade fácil era um homem simpático e aberto.

A sua morte representa uma grande perda para a pintura portuguesa, hoje numa época de grande pujança. Espero que a sua obra, que julgo vasta, possa ser reunida e apresentada numa grande Exposição Retrospectiva. A cultura portuguesa deve-lhe isso.

Lisboa, 8 de Setembro de 2009